



**O papel da Filosofia e do *imaginário jesuítico* nas missões portuguesas (1500-1597)**

**El paper de la Filosofia i de la imatgeria jesuïta a les missions portugueses (1500-1597)**

**El papel de la Filosofía y de la imagería jesuita en las misiones portuguesas (1500-1597)**

**The role of the Philosophy and Jesuit imagery in the Portuguese missions (1500-1597)**

Humberto Schubert COELHO<sup>1</sup>

**Resumo:** Dada a inequívoca importância da Companhia de Jesus no processo colonizador português, as especificidades do imaginário cultural jesuítico tiveram importância decisiva em uma série de elementos da formação cultural das colônias. A forte influência da filosofia naquela quadra da história de Portugal garante-lhe papel principal na dinâmica do pensamento português, muitas vezes mais voltado à literatura. Especialmente durante o século XVI, o primeiro a ver uma colonização global, o ímpeto evangelizador da Companhia de Jesus atuou como motor existencial tanto do processo político quanto do processo cultural que levariam ao envio de missionários além-mar. Este artigo enfatiza a relevância capital de crenças e valores transcendentais na visão de mundo desses missionários, e como eles moldaram o *ethos* missionário da vida cotidiana, das iniciativas educacionais e dos primeiros relatos de autores jesuítas.

**Palavras-chave:** Missão jesuítica – Educação jesuítica – Filosofia – Imaginário cultural – Pensamento português – Transcendência.

**Abstract:** As the importance of the Society of Jesus in the Portuguese colonizing process is indisputable, the specificities of Jesuit cultural imagery were equally decisive to define several elements in the cultural formation of the colonies. Often centred on literature at many points of its historical development, Portuguese thought of the time was heavily determined by philosophy. Particularly in the sixteenth century, the first century of global colonization, the evangelizing impetus of the Society of Jesus acted as a main existential drive in both cultural and political process of sending missionaries abroad. This paper

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da [Universidade Federal de Juiz de Fora \(UFJF\)](http://www.ufjf.br) e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFJF. E-mail: [humbertoschubert@yahoo.com.br](mailto:humbertoschubert@yahoo.com.br)



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

emphasizes the capital relevance of transcendent beliefs and values in the worldview of such missionaries, and how they shaped the missionary ethos in the daily life, the educational initiatives and the first reports of Jesuit authors.

**Keywords:** Jesuit Mission – Jesuit Education – Philosophy – Cultural Imagery – Portuguese Thought – Transcendence.

ENVIADO: 10.09.2022

ACEPTADO: 12.11.2022

\*\*\*

## I. O *imaginário cristão* e seu papel nas Navegações

A História, como a vida privada, é definida pelo rumo eleito pela consciência. Erro capital na análise histórica é o excesso de ênfase em elementos triviais (economia, vida privada, e até mesmo política cotidiana) ou invariáveis (a violência, o comércio, as mudanças climáticas etc.).

É do espírito que partem todas as realizações relevantes, sem as quais os impérios não se formam, as mentalidades e costumes não se transformam, as descobertas e revoluções sequer são sonhadas. Os livros, objetos do mundo cultural, são mais responsáveis pelas transformações históricas que qualquer objeto material, até porque são eles que definem quase todos os avanços técnicos e sociais do mundo civilizado.

As Navegações não acontecem por causa das especiarias, e sim por causa do gosto por elas, e de todo o imaginário que leva uma cultura a atribuir altíssimo valor a um elemento secundário à sobrevivência. Por esta razão é que não se tira grande proveito da imensa massa de textos historiográficos. Pecam em olvidar perigosamente o primado da prática sobre a teoria, do homem sobre sua circunstância, e da cultura sobre os fatos. Invertidas as posições, pouca compreensão se extrai dessas obras.

As Navegações foram a contribuição portuguesa ao Renascimento.<sup>2</sup> Mais intensas que a maioria das inovações técnicas realizadas por qualquer outra cultura, elas alteraram

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA MARTINS, J. P. *História de Portugal*. Lisboa: Viuva Bertrand, 1882.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

radicalmente a face do globo, e o destino da cultura ocidental e cristã, não contando os seus protagonistas, porém, com destaque nem vagamente próximo do que é dado à Itália nos manuais de história. Se lá nasceu o antropocentrismo e ressurgiu o classicismo, o renascimento português conquistou o mundo com a bandeira cristã, evangelização franciscana e jesuíta, e sem qualquer relativização ou abalo de sua visão medieval de mundo.<sup>3</sup> De fato, é até possível supor que o medievalismo português tenha ganhado fôlego com a Renascença e a Contrarreforma, numa espécie de “romantismo precoce”.

Tão ignorada quanto o seu grande feito, a descoberta e a integração de todo o globo, é a filosofia portuguesa renascentista, baseada no experiencialismo.<sup>4</sup> Diferente do empirismo britânico, o experiencialismo português manteve fortes relações com o aristotelismo escolástico e com o humanismo católico. Diferente do restante da filosofia continental, contudo, não caminhou da Escolástica para o Neoplatonismo (Nicolau de Cusa [1401-1464]<sup>5</sup>, Giordano Bruno [1548-1600]) ou o Racionalismo (Descartes [1596-1650]).

Fruto dileto do experiencialismo é a *Sabedoria do Mar*, conceito português de ciência na qual sua excelência era absoluta e incontestável, e que reunia todas as noções relativas às Navegações, da cartografia e da ciência náutica ao conhecimento geográfico e antropológico dos portos do mundo.<sup>6</sup>

Na aurora dos nacionalismos, muito adiante das demais nações europeias em termos de identidade política, Portugal e Espanha estavam divididos por longas rivalidades,

---

<sup>3</sup> COELHO, Humberto Schubert. *História da liberdade religiosa: da Reforma ao Iluminismo*. Petrópolis: Vozes, 2022a.

<sup>4</sup> BARRETO, Luís Filipe. “Do experiencialismo do Renascimento português”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. II: Renascimento e Contra-Reforma*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 23-33.

<sup>5</sup> Para o cusano, ver COSTA, Ricardo da; SANTOS, Bento Silva (orgs.). *Mirabilia Journal* 19 (2014/2): *Nicholas of Cusa in dialogue*.

<sup>6</sup> Para a *Sabedoria do Mar*, ver BARRETO, Luís Filipe. “Introdução à sabedoria do mar”. In: PEREIRA, José Esteves (dir.). *Cultura: história e filosofia*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, p. 401-438, e DUTRA, Diego Pimentel de Souza. *A cultura dos descobrimentos em Portugal: um estudo da relação entre a sabedoria do mar e o conhecimento acadêmico na Renascença*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, dissertação de mestrado, 2013.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

intensificadas pela competição de seus projetos coloniais. Essa rivalidade, contudo, não se fazia refletir sobre a vida da Igreja, e o trânsito de estudantes, professores, que sempre fora estimulado pela integração entre as universidades, intensificou-se muito através da abordagem globalista da Companhia de Jesus.<sup>7</sup>

A Sociedade de Jesus alimentava suas noções universalistas com os nutrientes peculiares de uma filosofia da história que incluía tanto o milenarismo medieval quanto uma noção já consideravelmente moderna de progresso, entendido, é claro, como progresso civilizatório, não apenas técnico ou social, do qual eles seriam os protagonistas.<sup>8</sup>

Por tudo o que sabemos da reforma protestante, ela apenas manifestava como ruptura o movimento reformista imanente da Igreja. Humanismo, ceticismo, relativismo, descontentamento moral e hermenêutica liberal estavam na medula da vida intelectual e monástica cristã bem antes de Lutero (1483-1546).<sup>9</sup>

Quando a Reforma explodiu em dissidência, a Igreja de Roma reagiu, principalmente, de três maneiras fortemente ligadas à Península Ibérica: a *mística espanhola*<sup>10</sup>, a Companhia de Jesus e o Concílio de Trento (1545-1563). Dessas três, a mística espanhola é (argüivelmente) a mais reformista, e a solução tridentina a menos.

De um ponto de vista protestante – ou, ainda, secularizante – o Concílio de Trento foi um passo para trás, não para frente. Rejeitou a Reforma e, com ela, a Modernidade, em favor de ainda mais autoridade, institucionalização e verticalização. Mesmo que essa interpretação esteja certa, contudo, a abordagem tridentina provou-se efetiva, e estancou a dramática sangria que o catolicismo vinha sofrendo.

---

<sup>7</sup> DAURIGNAT, J. M. S. *História da Cia. de Jesus*. Centro Dom Bosco, 2020.

<sup>8</sup> LEITE, Edgard. *História e Essência: Historiografia jesuítica colonial (XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

<sup>9</sup> COELHO, Humberto Schubert. *História da liberdade religiosa: da Reforma ao Iluminismo*, op. cit.

<sup>10</sup> Com Santa Teresa de Jesús (1515-1582) e San Juan de la Cruz (1542-1591). Ver FERNÁNDEZ LÓPEZ, Justo. “La mística española”. In: [Historia de la literatura española. Hispanoteca. Lengua y cultura hispanas](#). Ver HATZFELD, Helmut. “Estudios literarios sobre mística española”. In: *Biblioteca Románica Hispánica, Estudios y ensayos 16*. Madrid: Editorial Gredos, 1955, e PENALVER GOMEZ, Patricio. *La mística española (siglos XVI-XVII). Historia del pensamiento y la cultura*. Madrid: Ediciones Akal, 2013.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Irmanada à visão de mundo tridentina, os missionários que partiam para as Américas, a África ou a Ásia, irradiavam para o mundo uma imagem estável, não confusa e não conflituosa da fé católica. A parte cognitiva e a parte existencial da Reforma pareciam esvaziadas de sentido na medida em que o Humanismo fora domesticado pela Escolástica.

Reabilitando dialeticamente a escolástica ao invés de acelerar ainda mais na direção do humanismo ou do reformismo, a Contrarreforma aprofundou a separação do imaginário cristão, o que resultou nas múltiplas percepções dos séculos XIX e XX a respeito de um grave cisma cultural entre o Ocidente católico e o protestante.<sup>11</sup> Desnecessário dizer, a visão de mundo católica saiu desse processo enfatizando ainda mais a separação entre o divino e o mundano, o espiritual e o terrenal, o além e esta vida.

O missionário que saía pelo mundo em barcos de madeira, antes que qualquer um tivesse sonhado em viajar a oitava parte dessa distância, passando fome e enfrentando doenças sem remédio, sem saber se seria escravizado ou morto assim que aportasse, sem saber onde viria a aportar, e chegava à Índia, à China, ao Peru ou ao Japão com intuito de aprender o idioma e evangelizar o nativo, fosse em qual circunstância fosse, não era meramente religioso, tinha de o ser integralmente. Tratava-se de pessoas cujo sentido existencial era dominado e orientado pela fé. Não podia ter outra coisa em mente além da vida futura.

Longe de se assemelhar à “escolástica decadente”, tentativa de resistir ao processo modernizante, ocorrido em numerosas universidades, a segunda escolástica portuguesa conciliava e integrava características do humanismo, sendo também sensivelmente original.<sup>12</sup> Como é amplamente reconhecido, a filosofia portuguesa é também indissociável da Literatura e da Poesia.

---

<sup>11</sup> Pode-se sempre ter em mente a obra de Max Weber (1864-1920) sobre a relação entre a ética protestante e o espírito do capitalismo (WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004), obra que, pela maior parte do século XX, fez eco em quase todas as abordagens liberais e conservadoras sobre os fundamentos culturais da prosperidade econômica. Ver PAIM, Antônio. *Momentos decisivos da história do Brasil*. São Paulo: Vide Editorial, 2001.

<sup>12</sup> PAIM, Antonio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. Londrina: Edições Humanidades, 2007, II, 10.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Reunidas, todas as características supracitadas revelam o sabor místico, estético, pragmático, profético e distintamente católico da filosofia portuguesa. De uma forma não cartesiana, portanto, a segunda escolástica trará também à tona as questões antropológicas e subjetivas que tão grande protagonismo atingem na virada para o século XVII.

As bases da noção ocidental de subjetividade só começam a se definir com Santo Agostinho (354-430)<sup>13</sup>, mas suas raízes remontam à ontologia personalista judaica e à noção de primazia metafísica da subjetividade, dos gregos. Agostinho foi o primeiro a vocalizar essas influências subterrâneas e lhes dar destaque no processo filosófico, sendo, por isso, o pai da psicologia.<sup>14</sup>

Se as obras de Aristóteles (384-322 a. C.) e de Santo Tomás de Aquino (1225-1274) eram os elementos curriculares centrais, temperados, com moderação, com referências ocasionais a João Duns Escoto (c. 1265-1308), a índole humanista renascentista não deixava de aparecer no “tom” do discurso e da apresentação, dando grande importância a Platão (c. 427-347 a. C.), Cícero (106-43 a. C.) e Agostinho no plano sutil.

Assim, a base dessa segunda escolástica era a rejeição às alternativas ao tomismo (nominalismo e escotismo), o que tinha visceralmente a ver com a Contrarreforma, mas

---

<sup>13</sup> COELHO, Humberto Schubert. *O pensamento crítico: história e método*. Juiz de Fora: UFJF, 2022b.

<sup>14</sup> “Die Kunst des Barock bringt ihn aufs neue zu Ehren und stellt ihn dar als Bischof mit dem flammenden Herzen. Rousseaus Bekenntnisse sind denen Augustins nachgebildet, die Romantik sieht in dem ruhelosen Wanderer Augustinus ein Sinnbild ihrer eigenen Bewegung, Hegels Geschichtsphilosophie ist ohne Augustin nicht zu denken. Nietzsche nennt Augustin einen „unsauberen Gesellen“ und ein „Untier der Moral“. Die moderne Religionsphilosophie, den Spuren Max Schelers (†1928) folgend, ist maßgeblich an Augustin orientiert, vor allem an dessen Wegen zur Erkenntnis Gottes und an dem Primat der Liebe. Der französische Philosoph und Theologe Maurice Blondel (†1949) suchte in der Weise Augustins eine Glauben und Wissen umfassende christliche Philosophie; er bestimmt den Menschen als die zur Übernatur berufene Natur, die der Übernatur notwendig bedarf, aber zugleich unfähig ist, sie zu erreichen. Die Existenzphilosophie von Gabriel Marcel und Karl Jaspers, ebenso die Philosophie des Personalismus haben augustinische Motive aufgenommen. Augustin ist in der Theologie der Gegenwart, in der Theologie der christlichen Konfessionen - die Orthodoxie macht hier eine Ausnahme – lebendig im Pro und Contra. Es gibt kein theologisches Werk von Rang, in dem nicht Augustin begegnete.” – FRIES, Heinrich; KRETSCHMAR, Georg. *Klassiker der Theologie*. München: Beck, 1981, p. 127.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

em um colorido humanista português. Também destoava da escolástica original por apresentar significativo tom sincretista.<sup>15</sup>

## II. A segunda escolástica e os jesuítas em Portugal

O gênio português marcara presença na escolástica desde Pedro Hispano (1215-1277), contemporâneo de São Alberto Magno (c. 1200-1280) e de Santo Tomás de Aquino, exímio médico e autor de um dos mais importantes tratados medievais sobre lógica, as *Summulae Logicales*<sup>16</sup>, por fim, entronizado como papa João XXI. Por não menos que três séculos, suas sùmulas constavam dos currículos de quase todas as universidades.<sup>17</sup>

Essas sùmulas, aliás, teriam sido o segundo livro editado por Gutenberg (1400-1468), imediatamente após a Bíblia.<sup>18</sup> As *Summulae Logicales* também enfatizavam a importância prática da Dialética na Educação, de modo que, ao lado das instruções sobre estrutura linguística e argumento, os estudantes também eram incentivados a práticas disputativas, apreciação de perspectivas e embates interpretativos.<sup>19</sup>

Nos séculos XV e XVI, o pensamento português recebeu novos impulsos graças a autores como o franciscano Gomes de Lisboa (c. 1440-1513), o dominicano Frei Paio

---

<sup>15</sup> COXITO, Amândio A.; SOARES, Maria Luísa C. “Pedro da Fonseca”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. II: Renascimento e Contra-Reforma*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 455.

<sup>16</sup> PEDRO HISPANO. *Tractatus, llamado después Summule Logicales*. México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, 1986.

<sup>17</sup> FERREIRA, João. “Linhas fundamentais e caracterização do pensamento filosófico de Pedro Hispano”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. I: Idade Média*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999, p. 299.

<sup>18</sup> *Idem*.

<sup>19</sup> MEIRINHOS, José Francisco. “Pedro Hispano e as *Summulae Logicales*”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. I: Idade Média*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999, p. 334.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

de Coimbra (c. 1195-1249)<sup>20</sup> e o Infante Dom Pedro (1392-1449)<sup>21</sup> – o próprio rei D. Duarte I, *rei-filósofo* (1391-1438), chegou a escrever sobre Filosofia.<sup>22</sup> Merece também menção o grande pensador judeu Isaac Abravanel (1437-1508), que, contudo, junto com tantos outros autores judeus, acabou por influenciar mais o mundo judaico do que o português.<sup>23</sup>

Apenas com Pedro da Fonseca (1528-1599), contudo, que Portugal volta a apresentar ao mundo um pensador de primeira grandeza. Não se pode subestimar sua grandeza e importância. Ainda que escrito relativamente pouco, dificilmente seus textos poderiam ter causado mais impacto. Essa excelência é atestada desde as *Instituições dialéticas* (*Institutionum Dialecticarum*)<sup>24</sup>, às quais, pouco mais de três décadas depois, foi anexado o *Isagoge Philosophica*.

Englobando todas as formas e funções dos discursos, as *Institutionum Dialecticarum* adequavam-se perfeitamente à formação intelectual de um exército de pensadores, sendo amplamente usadas pelos colégios jesuítas com exatamente esse propósito. É de chocar, portanto, que em uma historiografia ideologicamente orientada à desqualificação e demonização dos jesuítas, sua educação tenha sido apresentada quase

---

<sup>20</sup> Ver MARQUES, Bernardino Fernando da Costa. [Mundividência cristã no Sermonário de Frei Paio de Coimbra: edição crítica da “Summa Sermonum de Festiuitatibus” Magistri Fratris Pelagii Parui Ordinis Praedicatorum, A. D. 1250, Cod. Alc. 5/CXXX - B.N. de Lisboa](#). Coimbra: tese de doutorado, 2011.

<sup>21</sup> LOPES DE ALMEIDA, Manuel (introd. e revisão). *Obras dos Príncipes de Avis*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1981.

<sup>22</sup> BARREIRA, Catarina Fernandes; SEIXAS, Miguel Metelo de (coords.). *D. Duarte e sua época: Arte, Cultura, Poder e Espiritualidade*. Lisboa: IEM - Instituto de Estudos Medievais; CLEGH - Centro Lusíada de Estudos Genealógicos, Heráldicos e Históricos, 2014.

<sup>23</sup> CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. I: Idade Média*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

<sup>24</sup> Que “[...] surgiram (como informa o autor no Prefácio da primeira edição) da necessidade, reconhecida pelos responsáveis da Companhia de Jesus, de redigir e publicar um conjunto de textos destinados aos alunos de Filosofia, evitando-se assim a fadiga de ter de transcrever as lições ditadas pelo professor, com o que ficavam também prejudicados o estudo e o exercício das disputas escolares.” – COXITO, Amândio A.; SOARES, Maria Luísa C. “Pedro da Fonseca”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. II: Renascimento e Contra-Reforma*, op. cit., p. 459.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

invariavelmente associada à memorização, ou adjetivada como “castradora” e contrária à formação da autonomia.

Bem ao contrário, o que ocorria, às vezes, é que a altíssima literatura oferecida e recomendada pelos colégios encontrava, frequentemente, leitores e docentes muito aquém de seus propósitos e nível técnico.<sup>25</sup>

Não menos influentes eram seus *Comentários à metafísica de Aristóteles*, amplamente considerados mais originais que as *Instituições*, e não menos críticos. Fonseca revela, aí, sua vastíssima erudição e liberdade de pensamento, confrontando comentadores e a nenhum assumindo como autoridade inquestionável.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> No Brasil, por exemplo, dadas as precárias condições de formação básica e posterior ilustração, a regra era a adaptação do currículo, no sentido de o facilitar e diluir ao nível tanto de alunos quanto de docentes. Evidência disso é o fato de que Anchieta e outros preferiam ensinar em tupi ao invés de em latim.

<sup>26</sup> “Além de comentador, Fonseca revela-se nesta obra um pensador autônomo, apresentando-nos ao longo das *Quaestiones* uma discussão dos temas essenciais da Metafísica, com a posição própria do autor (*plane liberi fuimus*), por vezes original e diversa da opinião dos grandes filósofos e teólogos do seu tempo. Concilia perfeitamente o respeito pela autoridade e pela tradição filosófica com o amor à verdade (*Bonum esse a veritate vinci*) que norteia toda a sua especulação. No comentário à filosofia aristotélica, Fonseca privilegia o pensamento de S. Tomás e o seu aristotelismo como fonte segura na interpretação do genuíno sentido do discurso do Estagirita e). Mas esta consideração especial pela interpretação tomista, também não o impede, por vezes de manter a sua independência, afastando-se das sentenças de S. Tomás para seguir outras que lhe pareçam mais verdadeiras. Ao tratar do princípio da individuação, por exemplo, Fonseca aproxima-se do pensamento escotista, adotando a sua noção de *species specialissima* e refere a *haecitas* como o verdadeiro fundamento da individuação dos seres. Em relação aos comentadores tomistas, Fonseca considera de uma forma especial o comentário de Caetano à *Summa Theologica*, mas também são numerosas as vezes em que o cita criticando-o e afastando-se das suas interpretações. Critica veementemente Ockham e os nominalistas, que ao negarem o realismo dos universais, reduzindo-os aos termos comuns, originam um retrocesso ao pensamento de Heráclito, Antístenes e Epicuro segundo o qual nada há de estável, mas tudo está num fluxo contínuo, o que inviabiliza qualquer conhecimento verdadeiramente científico. Com as suas teses, tornam-se indignos de serem admitidos no âmbito dos verdadeiros filósofos.” – COXITO, Amândio A.; SOARES, Maria Luísa C. “Pedro da Fonseca”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. II: Renascimento e Contra-Reforma, op. cit.*, p. 482.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Pelo fato de ser a primeira metafísica sistemática produzida pelos jesuítas,<sup>27</sup> e não sendo de modo algum negligenciada ou relegada a papel secundário, já teria lugar garantido na história da filosofia universal. Do Timor ao México, era comum que, quando pudessem levar apenas alguns poucos livros, os lentes jesuítas não deixassem de levar os livros de Fonseca.

Por esta época, a glória tanto da educação jesuíta quanto da católica em geral parecia gravitar na órbita de Coimbra. Ali estavam Fonseca, os jesuítas Luis de Molina (1535-1600), Francisco Suárez (1548-1617) e Manuel de Góis (1543-1597) e outros grandes intelectuais, enquanto *alumni* de importância mundial como o dominicano João de Santo Tomás (1589-1644), os igualmente jesuítas Manoel da Nóbrega (1517-1570)<sup>28</sup> e José de Anchieta (1534-1597) agregavam ainda mais peso à formação coimbrã, ao passo que outros vultos dificilmente se encontravam em peso em qualquer outra universidade.

Como não podia deixar de ser, quando a Companhia de Jesus organizou o *Curso Conimbricense*, Fonseca foi apontado como a autoridade responsável pela Metafísica. Sua idade já avançada, contudo, o levou a abandonar a vasta tarefa pouco após o começo, e, a partir de 1592, ela foi assumida por Manoel de Góis. Apesar do irrestrito apoio institucional, o que conferia ao projeto características enciclopédicas, foi Góis quem efetivamente executou a maior parte da tarefa.

A Dialética (lógica geral) do Curso Conimbricense iniciava pela questão “quem inventou as artes?”, incluindo no termo “arte” as ciências. Pois bem, os antigos gregos pretendiam tê-las criado, mas também egípcios, caldeus e chineses nutriam semelhante pretensão. A resposta do Curso revela uma enormidade de noções ontológicas e epistemológicas, com fortes implicações sobre a antropologia do evangelizador jesuíta mundo afora.

*Estabelece-se Deus como autor das artes.* De facto, se quisermos ser justos avaliadores das coisas, devemos estabelecer que as artes liberais não foram inventadas, em primeiro lugar,

---

<sup>27</sup> MARTINS, António Manuel. “Fonseca’s unfinished metaphysics: the first Jesuit systematic metaphysics before Suarez”. In: Casalini, Cristiano (ed.). *Jesuit Philosophy on the Eve of Modernity*. Leiden: Brill, 2019, p. 327-346.

<sup>28</sup> Apesar de a forma moderna exigir a grafia Manuel, preservamos a grafia arcaica, Manoel, por corresponder à grafia de batismo e da assinatura do padre.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

nem pelos gregos nem pelos bárbaros; pelo contrário, a sua origem terá sido muito mais antiga e mais nobre.

Com efeito, Deus, o criador de toda a realidade, precisamente no início da formação do mundo, atribuiu aos primeiros pais do gênero humano, entre outros dons da natureza e da graça, o claro conhecimento, não apenas das coisas divinas, mas também das humanas e das naturais. Pois não convinha que os príncipes e criadores de tão grande família recebessem a alma como se fosse uma tabua rasa, como nus, mas adornada pela mão do divino artífice e polida pelas imagens das coisas inteligíveis e pelas luzes das ciências, em relação a toda a excelência e variedade da beleza.<sup>29</sup>

A par de reconhecerem o fundamento natural da verdade, também não havia nos autores Curso a preocupação diplomática. A exemplo disso, apresentam os epicuristas “não tanto como filósofos, mas como gado dos filósofos”;<sup>30</sup> isto é, aqueles que, em pretendendo usufruir da dignidade do título, oferecem uma doutrina digna de animais e não dos homens.

O Curso a todo tempo passeia por autores clássicos, filósofos ou pais da Igreja, fazendo inveja ao acadêmico contemporâneo, que, se muito, chega a ver a quarta parte desses nomes em um curso de graduação.

No estudo da *Física* de Aristóteles, a qual Góis se dedicou como bem poucos, a definição de natureza foi metafisicamente fundada:

O grande número de vocábulos para exprimir a definição de “natureza” talvez obstrua o caminho, como escolhos que nele aparecem para expor convenientemente as diferentes acepções da palavra “natureza”. Em primeiro lugar, como afirma Hugo de São Vítor no *Didascalion*, Livro 1, Capítulo 11, entende-se por “natureza” o próprio Deus, criador de todas as coisas.

Porém, certos autores, amantes da filosofia, mas não da latinidade, chamaram a Deus “*natura naturans*” [“natureza de que provêm outras naturezas”]. Serve-se desta expressão entre os estoicos o subtilíssimo Sêneca no *De Officiis*, livro 4, onde afirma que a natureza

---

<sup>29</sup> CARVALHO, Mario (ed.). *Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense (1592-1606): Antologia de Textos*. Coimbra: Altera-IEF, 2011, p. 19.

<sup>30</sup> CARVALHO, Mario (ed.). *Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense (1592-1606): Antologia de Textos*, *op. cit.*, p. 22.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

é apenas Deus; e também Santo Agostinho na obra *Sobre a Trindade*, Livro 15, Capítulo 1, onde escreve que acima da nossa natureza existe uma natureza não criada, mas criadora, ou seja, Deus.

Assim se originou a divisão da natureza em “universal” e “particular”, designando-se por “natureza universal” mormente Deus, que contém e conserva todas as naturezas; e por “natureza particular”, que alguns denominam “*natura naturata*”, as outras coisas.<sup>31</sup>

Acresce a essa fundamentação metafísica que a beleza e a adequação das coisas distintas e discrepantes enquanto individuais também testifica que a ordem da natureza é imposta segundo um propósito, e que não há na natureza o acaso, sendo tudo orquestrado por uma perceptível finalidade.<sup>32</sup>

Era com tais livros que se ensinava filosofia em Salvador ou Goa. Dadas as condições precárias das comunidades em que alguns colégios operavam, no entanto, eram os rudimentos da educação que consumiam quase toda a energia dos missionários em terras incivilizadas, como as do Brasil.

Para isso, Pedro da Fonseca e o Curso Conimbricense pairavam como inalcançáveis a serem estudadas na própria Coimbra, caso esses nativos chegassem a demandar educação superior. O que realmente formava o currículo da educação fundamental era o letramento, o Catecismo e noções de música orientadas aos hinos. Nisso consistia a educação fornecida por Manoel da Nobrega, José de Anchieta e os outros daquela primeira geração de missionários, desde o Pátio do Colégio, em São Paulo. Para esse propósito é que se formou a *Ratio Studiorum*.

Espécie de Curso Conimbricense escolar, a *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu* (1599) definiu a estrutura e o currículo comum para todos os colégios jesuítas do mundo. Diferentemente de uma iniciativa acadêmica, como o Curso, a *Ratio* desceu de cima para baixo, estabelecendo o formato invariável que garantiria que qualquer jesuíta pudesse lecionar em qualquer colégio, e que qualquer estudante – com suas famílias – estivesse certificado de receber uma educação com garantido padrão de qualidade.

---

<sup>31</sup> CARVALHO, Mario (ed.). *Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense (1592-1606): Antologia de Textos*, op. cit., p. 188.

<sup>32</sup> CARVALHO, Mario (ed.). *Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense (1592-1606): Antologia de Textos*, op. cit., p. 194-195.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Não era, por outro lado, um experimento acadêmico utópico, pois esse “vir de cima” hierarquicamente era precedido por amplo debate e síntese das experiências de muitas dezenas de experimentados missionários – sobretudo espanhóis e portugueses – nas Américas.

A *Ratio* estudantil determinava que todos os estudantes deveriam comprovar, sob arguição pública, o domínio de fundamentos de Matemática, Literatura e Oratória, além de Filosofia – essencialmente Lógica e Física. Findo o curso, os professores selecionariam os estudantes aptos para o curso de Teologia.<sup>33</sup>

A *Ratio* professoral, por sua vez, instruía os professores a inspirar nos estudantes o amor a Deus, tanto através da ilustração do intelecto quanto pelo exemplo devocional. Quanto ao curso de Filosofia, as regras determinavam que os colégios deveriam ensinar primariamente Aristóteles, com seu comentador preferencial Tomás de Aquino, e que só respeitosa e se deveria questionar a autoridade deste último.

A nona regra do curso de Filosofia também recomendava o estudo da Lógica de Pedro da Fonseca, e, na sequência, *De interpretatione*, *Analytica priora*, *Physica*, *De anima*, *Elenchis*, *Topica*, *De caelo*, *De generatione* e, é claro, a *Metaphysica* de Aristóteles.<sup>34</sup> Na disciplina sobre Filosofia Moral, dever-se-ia estudar a *Ética a Nicômaco*.

Embora razoavelmente óbvio, importa salientar que esse currículo nada tinha de novo, pois corroborava os elementos mais tradicionais da educação escolástica tardia, com perceptível influência da perspectiva de Coimbra. É possível não apenas enxergar a influência de Fonseca como também, principalmente, do próprio *Cursus conimbricensis* na constituição da *Ratio*.<sup>35</sup> Em alguns trechos, esta parece espelhar a redação daquele.

---

<sup>33</sup> *Ratio*, 1616, 4-12.

<sup>34</sup> *Ratio*, 1616, 69.

<sup>35</sup> MIRANDA, Margarida. “*Sequendus Aristoteles*. Da ciência e da natureza na *Ratio Studiorum*”. In: *Humanitas* 61, 2009, p. 179-190.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

### III. Os primeiros escritores brasileiros, exemplo da formação jesuítica de Coimbra

Em um ambiente colonizador e em face da visão cultural de superioridade do povo europeu sobre o indígena e o negro, os sacerdotes eram, com grande frequência, a única defesa do escravo e do nativo contra os piores abusos. A missão de cada sacerdote nas Américas era evangelizar, trazer à fé cristã, mas a maioria dos missionários entendia que a tarefa civilizadora era complementar à evangelizadora, e que nem sempre era o pagão quem mais carecia de civilidade ou Evangelho.<sup>36</sup>

As novas terras tinham o privilégio de contar com um contingente de missionários formados no auge da excelência de Coimbra, mas eram, muitas vezes, clérigos que não se encaixavam perfeitamente nas expectativas das cortes e do alto escalão da Igreja. Manoel da Nóbrega era gago, e José de Anchieta era franzino e corcunda, sendo-lhe recomendado viver no Brasil por razões de saúde.

É claro, havia também exceções a essa regra, como o padre navarro Martín Azpicuelta (1491-1586), que fora professor de Nóbrega e era considerado quase tão santo e talvez mais sábio que os dois famosos jesuítas no Brasil,<sup>37</sup> além do padre e jesuíta Leonardo Nunes (1509-1554) que, de tão forte e alto, foi apelidado pelos índios de “padre voador”, por parecer voar, cruzando com passadas rápidas e largas grandes distâncias. Tinham todos em comum, contudo, o viverem apenas para Cristo e para a tarefa de a ele trazerem almas.

Sendo enorme a proporção de missionários formados em Coimbra, é natural que as primeiras obras literárias produzidas em terras brasileiras refletissem os princípios e métodos bastante específicos daquela universidade. Tendo saído de Portugal nas décadas de 1540 e 1560, os grandes vultos das primeiras experiências literárias em terras brasileiras ainda não tinham contato com a *Ratio* ou com o Curso Conimbricense, mas

---

<sup>36</sup> DE MELLO, José A. Teixeira (dir.). *Annais da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1897; e, principalmente, os relatos e admoestações do padre Antônio Vieira em seus sermões.

<sup>37</sup> RAMALHO, Américo da Costa. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

foram, sem dúvida alguma, educados no ambiente em que esses textos determinantes foram concebidos.

O contexto em que se encontraram no Novo Mundo não permitia ou demandava textos sobre metafísica e lógica, de modo que são de natureza essencialmente prática, política, histórica ou poética os textos brasileiros do primeiro século de colonização. Essa natureza os condiciona a refletirem bem mais os aspectos humanistas do que os escolásticos da formação jesuítica em Coimbra, o que pode gerar confusão inicial se não atentarmos para a pertinência e prudência com que foram redigidos. Algo que facilmente transparece em todos os textos dos primeiros missionários, por exemplo, particularmente os dos escritores mais brilhantes e profundos, Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, é sua conscienciosidade histórica.

Sabem, esses escritores, tanto escrever para o futuro quanto para o presente; para olhos portugueses, que só na imaginação concebem as dificuldades da empreitada nas Américas, e para olhos colonos; para os nativos e para os portugueses; nascidos em Portugal e nascidos no Brasil; para outros jesuítas, não portugueses, e para estranhos, talvez antipáticos à causa. Estão, acima de tudo, perfeita e gravemente cientes da responsabilidade de serem os primeiros autores em terras brasileiras, e, portanto, os primeiros cronistas, os primeiros artistas, os primeiros escritores espirituais e edificantes.

Quando Manoel da Nóbrega escreve a Ignácio de Loyola (1491-1556), portanto, não é apenas como discípulo em busca de orientação, mas como a voz do Brasil integrando na Companhia de Jesus – e, sem dúvida alguma, no coração de Cristo – a sua missão. Essa não era de modo algum uma missão pessoal, e não compreenderemos a forma de escrever, de falar e de agir do missionário se não tivermos em mente a motivação eminentemente universal que os anima e unifica nessa missão.

O universalismo humanista aparece, por exemplo, na análise da primeira consideração antropológica produzido no Brasil, por Manoel da Nóbrega:

Bem, se elles não são homens, não serão próximos;  
porque só os homens, e todos maus e bons, são próximos; todo  
homem é uma mesma natureza, e todo pôde conhecer a Deus, e  
salvar sua alma, e este ouvi eu dizer, que era próximo; prova-se no



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Evangelho do Samaritano, onde diz Christo Nosso Senhor, que  
aquele é próximo, que usa de misericórdia.<sup>38</sup>

A tarefa, contudo, não era fácil. O nativo que o padre da Nóbrega via como igual e pronto para receber o Evangelho comia carne humana, e só muito dificilmente se combatia esse costume.<sup>39</sup> Ao passo que a romantização do colonizador é absolutamente evidente nesses primeiros textos grafados no Brasil, é também desonesta a crítica de muitos dos críticos contemporâneos que nisso veem não mais que preconceito – chegando a relativizar o canibalismo como, talvez, não de todo condenável –, pois uma desqualificação completa do nativo estaria em contradição lógica com quase todas as ações e escritos desses missionários.<sup>40</sup> Toda a sua obra atesta que viam o pagão como um irmão, solo fértil a uma mensagem que acreditavam ser a mensagem da salvação, da libertação da alma e da elevação moral.

Na Bahia, conseguiram os jesuítas a permissão dos índios para batizar e evangelizar, e principiavam quase sempre por associar o canibalismo ao pecado da gula. Ocorreu, contudo, que alguns índios tiveram a ideia de que o batismo tirava o sabor da carne, e proibiram os jesuítas de prosseguir com a prática.<sup>41</sup> Nem tudo eram dificuldades, contudo, e, constatando a grande benevolência dos padres, especialmente Manoel da Nóbrega, para com os seus, numerosas vezes eram os índios que a eles acorriam para serem evangelizados.<sup>42</sup>

Como o *quaker* William Penn (1644-1718) e os franciscanos no Japão, Nóbrega teve a sagacidade de associar Deus à divindade máxima local, Tupã,<sup>43</sup> considerando que o conhecimento inato do divino jaz em todos, faltando aos nativos apenas a revelação.

---

<sup>38</sup> NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. Rio de Janeiro: Industrial Graphica, 1931, p. 233.

<sup>39</sup> Este é, aliás, um dos temas mais frequentes dos textos jesuítas, até aproximadamente 1700. Os padres faziam questão absoluta de combater a prática do canibalismo e, muitas vezes, consideravam a vitória nessa questão um imenso progresso em sua tarefa evangelizadora.

<sup>40</sup> Cheguei a encontrar textos acadêmicos brasileiros com essa abordagem, mas, por serem muito mal redigidos e não apresentarem qualquer fundamento para suas afirmações, reluto em mencioná-los como textos acadêmicos referendáveis.

<sup>41</sup> Ver *Vida de Nóbrega*, de Antônio Franco, em NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*, *op. cit.*, p. 35.

<sup>42</sup> NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*, *op. cit.*, p. 37-43.

<sup>43</sup> NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*, *op. cit.*, p. 99.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Também os gestos cotidianos e as decisões estratégicas para a sobrevivência da missão – constantemente ameaçada pela fome ou pela ameaça de serem mortos e devorados pelos nativos – denotavam esperança, resignação e otimismo, manifestando sua visão de mundo definida pelo transcendente. Não eram, portanto, intelectuais deslocados na selva e no sertão, e sim missionários alegres pela oportunidade de imitação dos apóstolos.

Nesse sentido, diz Anchieta: “As coisas necessárias para a conservação de nossa vida adquirimo-las com o trabalho de nossas mãos, como o Apóstolo São Paulo para não sermos pesados a nenhum destes”.<sup>44</sup>

Nem só de belos exemplos e almas devotas foi criado o Brasil. Como em todo projeto colonizador, muitos dos enviados ou “fugidos” para a nova terra eram desajustados da sociedade. Nóbrega fala mais de uma vez sobre os sacerdotes que se aproveitam da licenciosidade sexual dos nativos para viver em pecado, às vezes com diversas mulheres.<sup>45</sup>

Diferentemente de Nóbrega, que via o nativo como frequentemente mais puro que o europeu, Anchieta tinha uma perspectiva missionária mais radical, lembrando, às vezes, a postura de um cruzado. Seu *De Gestis Mendi de Saa*,<sup>46</sup> primeiro e principal poema épico escrito no Brasil, registrado em Portugal em meados da década de 1560, era fortemente marcado por imaginário missionário, o qual muitos intérpretes contemporâneos confundem com o ideal colonizador.<sup>47</sup>

De todo modo, *De Gestis Mendi de Saa* atesta a visão eminentemente espiritualista do missionário, que enxergava o projeto evangelizador como um projeto de Cristo para o

---

<sup>44</sup> ANCHIETA, José de. *Feitos de Mem de Sá*. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, 1970, p. 75.

<sup>45</sup> NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*, *op. cit.*, p. 109.

<sup>46</sup> ANCHIETA, José de. *Feitos de Mem de Sá*, *op. cit.*

<sup>47</sup> Consequência das leituras politizantes e secularizadas dominantes no século XX, que, anacronicamente, ignoram as especificidades dos propósitos e conceitos propriamente religiosos. Ver COELHO, Humberto Schubert. *História da liberdade religiosa: da Reforma ao Iluminismo*. Petrópolis: Vozes, 2022a.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

mundo, e não uma concepção cultural mesclada a interesses mesquinhos.<sup>48</sup> Nesse sentido, a morte a serviço é martírio, e a expectativa de martírio faz correrem para o perigo aqueles que, movidos por outros interesses, fugiriam na direção oposta.

Um século depois, outro padre jesuíta, Antônio Vieira, estaria ainda a falar da missão espiritual de Portugal,<sup>49</sup> e com mais insistência e eloquência que qualquer de seus antecessores.

---

<sup>48</sup> Ver ALVIM, Davis Moreira. [\*A colônia imaginada – Anchieta e as metamorfoses do imaginário medieval na América portuguesa \(1534-1597\)\*](#). Vitória, 2004.

<sup>49</sup> A título de exemplo, no *Sermão da Quinta-feira de Quaresma*, 1669, em VIEIRA, Antônio. *Os Sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: Montecristo, 2012.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

## Conclusão

Indivíduo e cultura formam um ao outro reciprocamente. A ideia purista de um protagonismo da liberdade individual é tão reducionista quanto a de um sistema onde o espírito humano não tenha voz própria, sempre moldado e estruturado de fora pela cultura. A vida é sempre orgânica; mecânicos são apenas os artifícios didáticos através dos quais explicamos nossos construtos e partes muito simples – e abstratas – do mundo físico.

Construções e processos históricos, portanto, são obra coletiva e sinérgica da iniciativa, do gênio, da criatividade e do empenho humanos, mas sempre, também, através do *medium* invariável da cultura. Cultura não é sujeito, e, portanto, não age. O que quer que façam os indivíduos, por outro lado, o fazem culturalmente. Só um gesto inconsciente como comer por automatismo, respirar, dormir ou escorregar pode ser desempenhado sem intermédio da cultura. E ainda assim, é mais provável que as pessoas comam, durmam, espirem e caminhem de formas intencionais e conscientes, com perceptíveis variações entre uma e outra cultura.

Missionários, jesuítas ou franciscanos, budistas ou protestantes, são sempre os exemplos mais significativos das crenças e valores religiosos de uma cultura. Dados os riscos e sacrifícios envolvidos, que vão, no mínimo, do abandono da terra pátria sem perspectiva de retorno, até, frequentemente, ameaças de morte, enfrentamento de doenças incuráveis, choque cultural e dissabores mil, é raro e improvável que sujeitos descomprometidos com a fé, ou que meramente receberam herança cultural religiosa, se lancem em tão ingrata empreitada.

Sem o combustível de valores, conceitos e expectativas transcendentais, é improvável que jamais tivesse surgido tal tipo de pessoa. Isso não equivale a dizer que eram todos bons, que não erraram ou que exemplificam, romanticamente, o ideal moral, religioso ou heroico. Esse tipo de idealização corresponde, igualmente, a um tipo de reducionismo não menos infantil.

Pessoas são pessoas, e culturas são formadas pelas interações entre pessoas. Não há sentido em supor, portanto, que certas culturas estejam acima de reprimenda, ou aquém da possibilidade de fomentar virtudes.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

No Brasil, missionários portugueses – e alguns espanhóis e italianos – conquistaram a simpatia de incontáveis e mui diversas tribos, com culturas estranhas umas às outras, reconhecendo também em muitos desses nativos o bem e a virtude, não raro mais vivos do que nos corações de seus compatriotas.

Os males e pecados do colonialismo estão, hoje, muito bem destacados e escrutinados, mas empreitada alguma vinga à sombra dos vícios e do mal puro. Se, em meio ao caos e à opressão, surgiu na vasta terra, quase despovoada e dividida pelos conflitos ancestrais entre tribos e culturas, um mesmo povo que, extremamente diverso de rostos e de hábitos, reconhece uma mesma identidade, é porque foi bem-sucedido o projeto português de transposição de traços de seu espírito coletivo para essas terras.

O português descobriu terras, mas não havia unidade alguma entre elas. Maranhão e Paraná pouco ou nada tinham em comum. Sua unidade foi inventada, e seria inconcebível sem o imaginário fundador dos missionários, sofisticado e aclarado pela filosofia portuguesa.

\*\*\*

## Fontes

ANCHIETA, José de. *Feitos de Mem de Sá*. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, 1970.

CARVALHO, Mario (ed.). *Comentários a Aristóteles do Curso Jesuíta Conimbricense (1592-1606): Antologia de Textos*. Coimbra: Altera-IEF, 2011.

DE MELLO, José A. Teixeira (dir.). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1897.

NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. Rio de Janeiro: Industrial Graphica, 1931.

PEDRO HISPANO. *Tractatus, llamado después Summule Logicales*. México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, 1986.

*Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*. Romae: Collegio Romano, 1616.

VIEIRA, Antônio. *Os Sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: Montecristo, 2012.

## Bibliografia

ALVIM, Davis Moreira. [\*A colônia imaginada – Anchieta e as metamorfoses do imaginário medieval na América portuguesa \(1534-1597\)\*](#). Vitória, 2004.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

- BARREIRA, Catarina Fernandes; SEIXAS, Miguel Metelo de (coords.). *D. Duarte e sua época: Arte, Cultura, Poder e Espiritualidade*. Lisboa: IEM - Instituto de Estudos Medievais; CLEGH - Centro Lusíada de Estudos Genealógicos, Heráldicos e Históricos, 2014.
- BARRETO, Luís Filipe. “Do experiencialismo do Renascimento português”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. II: Renascimento e Contra-Reforma*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 23-33.
- BARRETO, Luís Filipe. “Introdução à sabedoria do mar”. In: PEREIRA, José Esteves (dir.). *Cultura: história e filosofia*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, p. 401-438.
- CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. I: Idade Média*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- COELHO, Humberto Schubert. *História da liberdade religiosa: da Reforma ao Iluminismo*. Petrópolis: Vozes, 2022a.
- COELHO, Humberto Schubert. *O pensamento crítico: história e método*. Juiz de Fora: UFJF, 2022b.
- COSTA, Ricardo da; SANTOS, Bento Silva (orgs.). [Mirabilia Journal 19 \(2014/2\): Nicholas of Cusa in dialogue](#).
- COXITO, Amândio A.; SOARES, Maria Luísa C. “Pedro da Fonseca”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. II: Renascimento e Contra-Reforma*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001, p. 455-502.
- DAURIGNAT, J. M. S. *História da Cia. de Jesus*. Centro Dom Bosco, 2020.
- DUTRA, Diego Pimentel de Souza. *A cultura dos descobrimentos em Portugal: um estudo da relação entre a sabedoria do mar e o conhecimento acadêmico na Renascença*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, dissertação de mestrado, 2013.
- FERNÁNDEZ LÓPEZ, Justo. “La mística española”. In: [Historia de la literatura española. Hispanoteca. Lengua y cultura hispanas](#).
- FERREIRA, João. “Linhas fundamentais e caracterização do pensamento filosófico de Pedro Hispano”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. I: Idade Média*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999, p. 299-329.
- FRIES, Heinrich; KRETSCHMAR, Georg. *Klassiker der Theologie*. München: Beck, 1981.
- HATZFELD, Helmut. “Estudios literarios sobre mística española”. In: *Biblioteca Románica Hispánica, Estudios y ensayos 16*. Madrid: Editorial Gredos, 1955.
- LEITE, Edgard. *História e Essência: Historiografia jesuítica colonial (XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- LOPES DE ALMEIDA, Manuel (introd. e revisão). *Obras dos Príncipes de Avis*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1981.
- MARQUES, Bernardino Fernando da Costa. [Mundividência cristã no Sermonário de Frei Paio de Coimbra: edição crítica da “Summa Sermonum de Festiuitatibus” Magistri Fratris Pelagii Parui Ordinis Praedicatorum, A. D. 1250, Cod. Alc. 5/CXXX - B.N. de Lisboa](#). Coimbra: tese de doutorado, 2011.
- MARTINS, António Manuel. “Fonseca’s unfinished metaphysics: the first Jesuit systematic metaphysics before Suarez?”. In: Casalini, Cristiano (ed.). *Jesuit Philosophy on the Eve of Modernity*. Leiden: Brill, 2019, p. 327-346.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

*The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds*

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

- MEIRINHOS, José Francisco. “Pedro Hispano e as *Summulae Logicales*”. In: CALAFATE, Pedro (org.). *História do pensamento filosófico português. Vol. I: Idade Média*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- MIRANDA, Margarida. “*Sequendus Aristoteles*. Da ciência e da natureza na *Ratio Studiorum*”. In: *Humanitas* 61, 2009, p. 179-190.
- OLIVEIRA MARTINS, J. P. *História de Portugal*. Lisboa: Viuva Bertrand, 1882.
- PAIM, Antônio. *Momentos decisivos da história do Brasil*. São Paulo: Vide Editorial, 2001.
- PAIM, Antonio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. Londrina: Edições Humanidades, 2007.
- PENALVER GOMEZ, Patricio. *La mística española (siglos XVI-XVII)*. *Historia del pensamiento y la cultura*. Madrid: Ediciones Akal, 2013.
- RAMALHO, Américo da Costa. *Para a História do Humanismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1998.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.